

Relações comerciais 'Brasil grande'

Lula volta a oferecer BNDES para promover crescimento de vizinhos

— Presidente diz que banco de fomento tem de 'ajudar empresas brasileiras no exterior'; financiamento de obras esteve no centro de escândalos de corrupção em gestões passadas

EDUARDO GAYER
ENVIADO ESPECIAL
BUENOS AIRES
GIORDANNA NEVES
SÃO PAULO
VINICIUS NEDER
RIO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou ontem a empresários em Buenos Aires que o BNDES vai voltar a financiar projetos para ajudar empresas brasileiras no exterior e "países vizinhos a crescer".

Como exemplo, o presidente brasileiro defendeu o financiamento da obra do gasoduto Néstor Kirchner para transportar gás natural do campo de Vacca Muerta, na Província de Neuquén, a oeste da região da Patagônia, até o Brasil. Lula disse que os empresários brasileiros têm interesse no projeto.

Presença constante nos escândalos de corrupção envolvendo empreiteiras e governos petistas, muitos revelados na Operação Lava Jato, o financiamento a obras em países da América Latina e da África pelo BNDES foi extinto em 2016 no governo Michel Temer (MDB).

"O BNDES vai voltar a financiar as relações comerciais do Brasil e vai voltar a financiar projetos de engenharia para ajudar empresas brasileiras no exterior. E para ajudar que países vizinhos possam crescer e

até vender o resultado desse enriquecimento para países como Brasil", afirmou o petista. "O Brasil parou de compartilhar a possibilidade de crescimento com outros países."

No discurso após se encontrar com o presidente argentino Alberto Fernández, Lula afirmou que tinha orgulho de quando o banco de desenvolvi-

Recursos
Em dezembro, argentinos disseram que o BNDES bancaria R\$ 3,5 bi para gasoduto Néstor Kirchner

mento brasileiro financiava empreendimentos na América do Sul e nos países africanos. "Porque é isso que os países maiores têm de fazer, tentando auxiliar os países que têm menos condição em determinado momento histórico", afirmou o petista.

VACA MUERTA. Apesar da resistência do empresariado brasileiro e do mercado financeiro à política de financiamento de bancos públicos a obras no exterior, Lula já tinha citado o BNDES ao falar em formas possíveis de financiar o gasoduto Néstor Kirchner.

"Se há interesse dos empresários, se há interesse do governo e nós temos um banco de desen-



Lula conversa com Fernández, em Buenos Aires; acordos comerciais

volvimento para isso, eu quero dizer que nós vamos criar as condições para fazer o financiamento que a gente puder fazer para ajudar o gasoduto argentino", declarou o presidente brasileiro a jornalistas na Casa Rosada, em visita oficial à Argentina. Para Lula, há quatro anos o BNDES não empresta dinheiro, o que teria ajudado na estagnação do crescimento brasileiro. "Todo o dinheiro do BNDES é voltado para o Tesouro."

Em dezembro, já após a vitória de Lula nas eleições, autoridades argentinas anunciaram que o BNDES financiaria até US\$ 689 milhões (por volta de R\$ 3,5 bilhões em cotação atual) para a obra, uma das mais ambiciosas da Argentina. Ainda no

governo Bolsonaro, o banco de fomento emitiu nota negando.

"O fornecimento de gás faz toda a diferença", afirmou o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, ao ser questionado sobre a diferença do financiamento do BNDES em relação a experiências passadas, como o desembolso para a construção do Porto de Mariel, em Cuba, ao longo das gestões petistas, alvo de críticas de especialistas e do mercado financeiro. "É completamente diferente financiar uma estrada em país da África, financiar um porto em país da América Central e financiar uma obra que vai fornecer gás para o Brasil no lugar da Bolívia", disse.

Segundo Haddad, projetos

como o argentino se sustentam, diferentemente de Parcerias Público-Privadas (PPPs), que precisam de dinheiro público. O ministro da Economia da Argentina, Sergio Massa, também afirmou que tem acordo com o setor privado para financiar parte do gasoduto.

EMPRÉSTIMOS. Obras no exterior fizeram parte da carteira de crédito para exportações de serviços de engenharia do BNDES. Desde fins da década de 1990, o banco de fomento liberou US\$ 10,5 bilhões (R\$ 54,6 bilhões) para financiar 86 obras tocadas por construtoras brasileiras em 15 países.

Angola foi o que mais recebeu empréstimos – e já pagou tudo. A Argentina foi a segunda nação com mais operações, e tem uma parcela final de US\$ 29 milhões (R\$ 151 milhões) para quitar. A empreiteira com mais contratos no exterior, a Odebrecht, que praticamente desapareceu após ser atingida em cheio pela Lava Jato, ficou com US\$ 7,9 bilhões da verba (R\$ 41,1 bilhões), 75,2% do total.

No primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014), o governo impôs sigilo aos financiamentos para Angola e Cuba, alegando "segredo comercial". ●

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Economia & Negócios Caderno: B Pagina: 1